

ANTÓNIO BIZARRO

O LONGO CAMINHO  
DE REGRESSO

**coolbooks**

## O complexo de Siobhan

*“A burden to keep,  
though their inner communion,  
accept like a curse  
an unlucky deal.”*

Ian Kevin Curtis

### 1

“Trabalhava no Instituto MacLaren quando me pediram para fazer a avaliação psiquiátrica de um assassino em série. Ian Fallon, de dezoito anos, era acusado de múltiplos homicídios, canibalismo e profanação de cadáver. Levava a sua última vítima, uma menina de nove anos, para trás de uns arbustos num parque, esquartejara-a com uma faca e comera partes do seu corpo, nomeadamente o fígado, o coração, as faces e as orelhas. A irmã da menina, dois anos mais velha do que ela, estava ali por perto, atrás de uma árvore. As duas estavam a brincar às escondidas quando Fallon surgiu em busca da sua presa. Viu a irmã a afastar-se com um desconhecido, e pensou em chamar por ela, mas teve medo e não falou. Quando a ouviu gritar e gemer,

correu para casa a chorar e contou aos pais o sucedido. Os pais chamaram a polícia. Procedeu-se a uma busca exaustiva no parque e o cadáver da menina acabou por ser encontrado, enterrado numa cova pouco profunda encoberta por ramos soltos. Se o alerta não tivesse sido dado tão rapidamente, a vegetação teria crescido sobre a sepultura e os restos mortais talvez nunca tivessem sido encontrados. Nos dias seguintes, com base na descrição fornecida pela testemunha, a polícia reuniu vários jovens de idades compreendidas entre os dezasseis e os vinte anos. À medida que os seus álibis iam sendo verificados e confirmados, a lista foi encurtando até sobraarem apenas meia-dúzia de suspeitos. Por fim, alinharam-nos, e assim que entrou na sala de identificação, a irmã da vítima reconheceu Ian Fallon. Ao ser acusado da morte da menina de nove anos, além de confessar a autoria desse crime, admitiu também ter cometido outros da mesma natureza. Começara a matar aos catorze anos, e a última vítima era a sua décima. Sem exprimir remorsos ou qualquer outro tipo de emoção, Fallon descreveu pormenorizadamente os seus crimes e indicou o local preciso onde cada um dos corpos tinha sido enterrado. O tribunal nomeou-lhe um advogado de defesa, Eric Blake, o qual solicitou uma avaliação psiquiátrica para aferir a sanidade mental do cliente. Um tal de Dr. Landers entrevistou Ian Fallon, sem que chegasse, contudo, a concluir a avaliação, tendo-se afastado do caso invocando razões de ordem pessoal e ética. O facto de ser pai de duas meninas de cinco e dez anos, alegou ele, impedia-o de realizar o trabalho de forma

objectiva e profissional. Os pais de Ian Fallon, pessoas de rendimentos e habilitações literárias acima da média, tinham-se escusado a qualquer tipo de contacto com o filho desde que ele fora formalmente acusado. Tinham também decidido nada fazer para o ajudar, daí o tribunal ter nomeado um advogado para o defender. Dos progenitores, era a Sr.<sup>a</sup> Fallon quem mais parecia preocupar-se com o filho. No entanto, nada fez para ajudar Ian, receando, talvez, perder, para além do filho, também o marido.”

## 2

Neste ponto da narrativa, a Dr.<sup>a</sup> Lowensohn interrompeu-se, observando-me atentamente, tentando perceber o meu nível de interesse. Confesso que, por vezes, me aborrecia de morte quando alguém, ao saber que eu era escritor, se dispunha a alongar-se numa história pretensamente verídica com o nobre propósito de fornecer matéria-prima para as minhas ficções. Porém, não era esse o caso. A ex-psiquiatra tornada pintora, que os meus amigos tratavam por Elina, parecia antes querer livrar-se de um episódio desagradável, depositando-o em mim, julgando-me, porventura, dotado de uma abertura de ideias superior à maior parte das pessoas. Instei-a a retomar o relato.

“O relatório do Dr. Landers, apesar de inacabado, era algo extenso. Após o seu afastamento voluntário, o tribunal encarregou-me de ultimar a avaliação psiquiátrica de Ian Fallon. Era raro trabalhar fora do Instituto, mas

aceitara pôr a minha perícia à disposição do tribunal, movida por um interesse científico. O caso tinha deixado a comunidade chocada, e fora muito badalado na televisão e nos jornais. Chamara-me a atenção o facto de que todos os que conheciam Ian Fallon não acreditarem que ele alguma vez fosse capaz de tais actos. Era um excelente desportista, tinha boas notas na escola, era bem-educado, bastante sociável, não era violento, não bebia e não se drogava. Os pais eram pessoas bem formadas que lhe tinham proporcionado uma vida confortável, inculcando-lhe valores sadios e princípios sólidos, sem indícios de fanatismo religioso, extremismo político ou qualquer outra espécie de fundamentalismo, para além de não terem problemas de alcoolismo ou toxicodependência. Tudo isso era referido no relatório, sendo bastante completo nesse domínio, baseando-se em testemunhos de professores, colegas de escola, amigos, vizinhos, bem como do psicólogo da escola e dos próprios pais de Fallon. No entanto, o Dr. Landers entrevistara Ian Fallon diversas vezes, sem nunca conseguir obrigá-lo a romper o silêncio a que se remetera. Fallon declarou mais tarde a Blake que se mantivera calado por sentir que o Dr. Landers tinha medo dele. O perfil psicológico de Fallon, traçado por Landers, não passava, na realidade, de um esboço confuso.”

### 3

“Quando, por fim, conheci Ian Fallon, expliquei-lhe que o tribunal me tinha encarregado de conduzir

uma nova avaliação psiquiátrica para determinar a sua sanidade mental, ou a falta dela. Ou seja, se deveria ser considerado inimputável e tratado num hospital de onde, provavelmente, jamais voltaria a sair, ou se deveria ser considerado responsável pelos seus actos e condenado à morte. Deixei claro que estava ali apenas para fazer o meu trabalho. Lidava com criminosos todos os dias e não tinha medo dele. Até porque ele tinha matado meninas indefesas, e eu estava longe de o ser. Não tinha pena dele, e mesmo sendo contra a pena de morte, estava disposta a abrir uma excepção para este caso. Portanto, se ele não quisesse falar comigo, melhor para mim. Ao preparar-me para sair da cela, ouvi Ian dizer que não tinha escolha. Pedi-lhe que elaborasse a frase. Via-se como um monstro que merecia morrer. Queria isso dizer que tinha consciência do mal que fizera e que merecia ser castigado? Não tinha consciência de nada. Lembrava-se do que tinha feito, mas não o motivo por que o fizera. Era como recordar-se de um filme que tivesse visto, como se fosse um mero espectador dos seus próprios actos. Estava ciente daquilo que tinha feito e por isso tinha de morrer. Privara seres humanos das suas vidas e era justo que fosse privado da sua. Eu pensava que a pena de morte não fazia sentido. Não é matando que se ensina que matar é errado, ninguém tem o direito de roubar uma vida, por pouco que essa vida valha. Se pensava que ele não merecia morrer? Não podia dizer, e era por isso que ali estava: para descobrir se, à luz das nossas leis, ele merecia morrer ou não. Perguntei-lhe porque tinha

matado todas aquelas crianças. Não sabia. Não sabia? Não era capaz sequer de imaginar um motivo? Não sabia mesmo. Tinha pensado muito acerca disso, com a iminência da sua morte, por se ver confrontado com a própria mortalidade. Tinha medo de morrer? Reflectiu por alguns momentos antes de responder. Não. Mentalizara-se de que ia morrer em breve, ia pagar pelos seus crimes com a vida. Fiz-lhe notar que afirmara não saber o motivo por que tinha feito o que fez, mas que, certamente, teria noção de que o que andava a fazer era errado e condenável aos olhos da sociedade. A sua dissimulação sugeria isso mesmo. Não se tinha entregado de livre vontade, fora apanhado pela polícia. Justificou-se citando, imagine, a *Origem das Espécies*, de Darwin. Que talvez num lugar recôndito da sua psique houvesse um instinto primário que o teria levado a agir como agiu, como se tivesse sido obrigado a cumprir a regra de ouro da sobrevivência. Matar ou morrer. *Comer ou ser comido*. Um calafrio percorreu-me a espinha ao ouvir aquelas palavras, parece que estou a senti-lo neste momento. Em que medida eram aquelas meninas indefesas uma ameaça tão grande à sua sobrevivência? Teria acontecido alguma coisa na sua infância que o tivesse traumatizado e que nos pudesse indicar uma motivação precisa para os seus crimes? Não se lembrava de nada. As pessoas têm tendência para reprimir as más memórias. Da infância, Ian não guardava senão boas recordações.”

– Espero não estar a aborrecê-lo, Sr. Dornbusch  
– desculpou-se ela, acendendo um cigarro, expelindo o fumo com uma expressão de prazer.

– Não, não está – respondi eu, o mais sinceramente possível.

Os nossos amigos em comum, o psicanalista Philip Breitman e a esposa, Felicia, tinham-nos convidado para passar o fim-de-semana na quinta que possuíam nos arredores de Saint Paul. Tanto os anfitriões como a maioria dos convivas tinham ido dar um passeio a cavalo pela propriedade. Planeara ficar à beira da piscina na companhia de uma bebida gelada e de um livro que andava a evitar ser lido por mim há demasiado tempo. Pelos vistos, Elina Lowensohn também partilhava da minha inépcia nas artes equestres, e pediu permissão para se juntar a mim. Sabendo que era pintora, perguntei-lhe se sempre tinha sido artista, ao que me respondeu que não, que exercera psiquiatria durante muitos anos. Daí até à narração do caso de Ian Fallon fora um nada. O maldito livro conseguira, uma vez mais, protelar a sua leitura.

“Através de Eric Blake, obtive a morada e o número de telefone dos pais de Ian Fallon. Telefonei a marcar uma entrevista para o dia seguinte com a Sr.<sup>a</sup> Fallon. Vi-me então na entrada de uma bonita moradia de dois andares rodeada de árvores, num agradável bairro



suburbano a dez minutos de carro do centro da cidade. Toquei à campainha e diante de mim surgiu a Sr.<sup>a</sup> Fallon, que me convidou a entrar e a sentar-me na sala. Lamentava muito incomodá-la num momento tão difícil como aquele. Sabia que já tinha falado com o Dr. Landers acerca do filho, mas talvez a senhora se lembrasse de algo que na altura não lhe tivesse ocorrido, algo que me pudesse ajudar a traçar um perfil psicológico o mais preciso possível, para que ele pudesse ter um julgamento justo. Não sabia o que havia de me dizer, desculpou-se a Sr.<sup>a</sup> Fallon, suspirando como que de cansaço. Nunca pensara que ele, um dia, pudesse vir a fazer todas aquelas coisas horríveis. Fora sempre um menino tão sossegado e terno. Deram-lhe tanto amor, nunca lhe faltou nada, não percebia onde tinham errado. Sentia-se tão culpada! Aquelas meninas todas... O Ian podia vir a ser condenado à morte, mas era-lhe indiferente. Se tivesse algo para dizer que me pudesse, de algum modo, ajudar, aquela era a altura. Alguns dias depois teria de dar por concluída a minha avaliação e apresentá-la em tribunal. A Sr.<sup>a</sup> Fallon, entretanto, já não conseguia conter as lágrimas. Não me podia ajudar. O marido estava muito transtornado com tudo aquilo e já nem sequer podia ouvir falar do filho. Dizia que ele era um monstro e que merecia morrer. Não era o mesmo desde que o pesadelo começara. A Sr.<sup>a</sup> Fallon já não sabia o que fazer. Rezava tanto a Deus e, ao mesmo tempo, amaldiçoava-O, a Ele e a si mesma. Uma semana depois, fui ao tribunal apresentar as conclusões da minha avaliação psiquiátrica. O arguido, Ian Fallon, na minha opinião

médico-profissional, tinha matado e profanado os cadáveres das vítimas com plena consciência dos seus actos e sem qualquer consideração pelas suas vidas. Na avaliação feita pelo Dr. Landers, e na minha própria, não tínhamos sido capazes de encontrar indícios de qualquer trauma ou abuso emocional ou psicológico sofrido pelo arguido que pudesse levá-lo a cometer crimes tão brutais. A única explicação que podia avançar era a de que Ian Fallon seria um sociopata perigoso que cedia sem resistência aos seus impulsos homicidas, os quais teriam origem genética. Embora os exames a que fora submetido tivessem revelado altos níveis de testosterona no seu organismo, a sua produção de serotonina era semelhante à de um ser humano normal. O facto de as suas vítimas serem mais pequenas e fracas do que ele sugeria um temperamento autoritário. Contudo, não acreditava que se tratasse de um distúrbio de personalidade, antes a exacerbação de uma característica idiossincrática. O tribunal, tendo em conta o meu testemunho pericial e a confissão de Ian Fallon, não teve dúvidas nem hesitações em considerá-lo culpado de todas as acusações, e condenou-o à morte por enforcamento. Através do advogado, Fallon fez saber que não tencionava recorrer da sentença. A execução foi marcada para daí a dois meses.”

## 6

“No dia seguinte recebi um telefonema da Sr.<sup>a</sup> Fallon, pedindo-me que fosse a casa dela. Queria falar

comigo acerca de algo muito importante, algo que estava relacionado com o caso do filho. Dirigi-me para lá assim que pude. A Sr.<sup>a</sup> Fallon esperava-me à porta de casa, visivelmente perturbada. Ian fora condenado à morte. Sentia-se culpada, a culpa era toda sua, podia ter evitado tudo aquilo. De certeza que não estava a falar a sério. Devia acalmar-se, estava muito nervosa. O melhor seria entrarmos e sentarmo-nos um pouco. Envolvi-a com o braço e levei-a para dentro. Sentamo-nos no sofá e mais não pude fazer, excepto esperar que ela se acalmasse. A Sr.<sup>a</sup> Fallon devia ter perto de cinquenta anos. Conservava um certo porte elegante e alguns traços da beleza de outrora, mas era evidente que estava bastante abatida. Na sala, em cima das cómodas e nas prateleiras dos armários, entre livros e objectos decorativos, havia várias fotografias dos membros do clã Fallon. O ar jovial que a Sr.<sup>a</sup> Fallon ostentava em quase todas elas tinha-se desvanecido de tal modo que tinha dificuldade em acreditar que a mulher diante de mim era a mesma que me sorria de cima do mobiliário. O marido deixara-a, para sempre. Rezava todos os dias a Deus pelo seu Ian. Isso deixava o esposo furioso. No dia anterior, perguntara-lhe como podia ela rezar por um monstro daqueles. Respondera que Ian saía de dentro dela, que não se esquecera das dores do parto, que nunca poderia esquecê-lo... O Sr. Fallon também não poderia esquecê-lo enquanto vivesse com ela. Saía de casa. A Sr.<sup>a</sup> Fallon rebentou num novo pranto. Estendi-lhe um lenço de papel, e depois de se ter assoado pareceu mais calma. Havia algo que não

me contara acerca de Ian, algo de terrível que guardara dentro dela durante aqueles anos todos e que nunca revelara a alguém. Não sabia se ainda faria alguma diferença, eu que lhe dissesse. Ao engravidar, o seu lar encher-se de alegria. Ela e o marido estavam há alguns anos a tentar ter filhos, sem sucesso, o que tinha vindo a provocar problemas no casamento, pelo que, como calculava, tanto ele como ela ficaram muito felizes e, de certo modo, aliviados. Porém, desde logo o obstetra avisou-a de que podia haver complicações na gravidez. O seu útero era demasiado pequeno e tinha pouca elasticidade. Para além disso, as primeiras ecografias revelaram que estava grávida de gémeos, um rapaz e uma rapariga. O Dr. Lynch disse-lhe, sem rodeios, que havia a possibilidade de um deles não sobreviver. Por esta altura, a Sr.<sup>a</sup> Fallon soluçava descontroladamente.

*O meu marido estava tão contente com a perspectiva de vir a ser pai que resolvi esconder tudo dele. O nosso casamento nunca tinha corrido melhor. Ele tinha-se tornado tão atencioso comigo que não quis estragar isso. Rezava todos os dias a Deus para que tudo corresse bem, para que não fosse preciso alarmá-lo. Ainda assim, não lhe contei que estava à espera de gémeos. Não sabia qual deles iria sobreviver, por isso disse-lhe que ainda não sabia o sexo da criança, que as ecografias não eram muito reveladoras. No meu íntimo, pensei nos nomes dos meus filhos. O rapaz chamaria-se Ian e a rapariga... Siobhan. Por volta dos seis meses de gestação, aconteceu algo de horrível dentro de mim.*

*Venha comigo. A senhora tem de ver para acreditar no que tenho para lhe contar.*

Segui a Sr.<sup>a</sup> Fallon até ao andar superior. Uma vez lá, subimos ainda um pequeno lanço de escadas que levavam ao sótão. A Sr.<sup>a</sup> Fallon acendeu a luz, revelando uma divisão ampla, surpreendentemente livre de pó e teias de aranha. Havia algumas cadeiras e uma mesa de plástico, todas arrumadas a um canto, junto a um velho roupeiro. Havia também um carrinho de bebé, um berço, uma alcova, um cavalo de baloiço e uma bicicleta. Abriu uma das gavetas do roupeiro e tirou de lá uma arca de madeira fechada a cadeado. Puxou o fio que usava à volta do pescoço, por dentro da blusa, onde se via uma pequena chave pendurada. Ajoelhou-se, inclinando-se sobre a arca, e abriu-a. Ajoelhei-me a seu lado, expectante. De dentro da arca surgiu o que me pareceu ser um punhado de ecografias.

*O Dr. Lynch explicou-me que não é assim tão raro no princípio de uma gravidez haver dois embriões em desenvolvimento, mesmo quando acaba por nascer apenas uma criança. Geralmente, um dos embriões que, no fundo, ainda é apenas um amontoado de proteínas, acaba por ser naturalmente absorvido pelo outro. Mas ele jurou que nunca tinha visto, ou sequer ouvido falar, de algo semelhante com o que se estava a passar dentro de mim.*

Passou as ecografias para as minhas mãos, que tremiam sem eu saber porquê. Passei-as uma a uma diante dos meus olhos, sem parar de tremer. Enquanto as imagens se sucediam umas atrás das outras,

vinham-me à memória fragmentos de uma frase proferida por Ian Fallon:

– *Matar ou morrer, comer ou ser comido...*

Naquele momento, tornei-me numa das poucas testemunhas de uma luta intra-uterina até à morte, um combate fratricida por espaço vital à sobrevivência. Senti um tremor na espinha, enquanto, lentamente, perante os meus olhos incrédulos, um dos fetos era literalmente engolido pelo outro. Estremeci, como se despertasse de um pesadelo, quando me apercebi de que a Sr.<sup>a</sup> Fallon estava a falar comigo.

*O Ian matou a minha bebé, a minha Siobhan, compreende? Ele era um assassino antes mesmo de nascer. Pensei que se lhe desse muito amor ele seria uma pessoa normal... Como estava errada, meu Deus! O médico disse-me que se o Ian não tivesse comido a Siobhan, teriam ambos morrido... Antes tivessem... Antes tivessem morrido os dois...*

7

“Assim que saí de casa dos Fallon, fui ver o Ian à sua cela no corredor da morte e relatei-lhe tudo o que a mãe dele me tinha contado, sem nada omitir. Expliquei-lhe que ele não tinha sido conscientemente responsável pelos actos macabros que praticara. Estava a obedecer a um instinto atávico e primário muito poderoso que lhe fora útil na luta pela sobrevivência ainda dentro do útero da mãe. A sua irmã Siobhan era mais pequena e fraca, no entanto, representava uma

ameaça para ambos. A forma que a Natureza arranjou para garantir a perpetuação dos genes dos pais e dos antepassados foi fazê-lo devorar a irmã, assegurando-lhe espaço suficiente para poder crescer no pequeno útero da mãe. Podia apenas especular, mas julgava que o instinto que lhe dera primazia sobre a irmã não chegara a desaparecer. Ficara adormecido dentro dele, no seu subconsciente, nos seus genes, até ao dia em que despertou e o levou a matar aquelas meninas e a comê-las, como fez com Siobhan. Talvez fosse um problema hormonal. Os crimes tinham começado por volta dos catorze anos, o instinto podia ter sido despertado pela puberdade. Face àqueles novos elementos, a pena podia ser comutada para prisão perpétua, podendo ser tratado. Talvez ainda houvesse esperança para ele. Ian Fallon limitou-se a fitar o tampo da mesa, absorto nos pensamentos. Quando levantou a cabeça para me encarar, parecia estar a olhar através de mim, como se eu fosse invisível. Tudo o que eu lhe tinha contado só o fazia querer morrer ainda mais... Era o mal feito carne. Matara Siobhan antes mesmo de ela nascer, antes mesmo de *ele nascer*... Continuara a matá-la e continuaria a matá-la se não tivesse sido travado. Compreendia tudo tão claramente. Via a irmã em todas as vítimas. Tinha um medo inconsciente delas, apesar de serem mais fracas do que ele, ou talvez por isso mesmo. A verdade, que ignorara até então, não alterava absolutamente nada, apenas reforçava a sua convicção de que deveria morrer. Quanto mais depressa, melhor. Eu lamentava que ele pensasse

assim. A minha ética profissional obrigava-me a submeter aqueles dados ao seu advogado e ao tribunal, para que fosse pedido um recurso com vista à comutação da pena. Não pude deixar de sentir... compaixão talvez seja uma palavra excessivamente forte. De certo modo, Fallon foi vítima da sua própria natureza, como um escorpião.”

– Não o vejo como uma vítima – argumentei eu.

– Ele era um monstro, um monstro genético, mas ainda assim um monstro.

– Claro que sim – concordou Lowensohn. – Ian Fallon enforcou-se nessa noite.

Ouvimos rumores de vozes, risos e cascos a trote. Os nossos amigos regressavam do passeio. Estava quase na hora do jantar. Antes de entrarmos em casa, ocorreu-me que, ao matar-se, Ian quisera matar Siobhan uma vez mais.